

..., MAS O AMOR ELE NÃO CONQUISTOU!

Arlete Parrilha Sendra (UENF)

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

A partir das epígrafes selecionadas para introduzir seu artigo, a autora faz um estudo biográfico/poético da vida de Anna Emília Ribeiro da Cunha, esposa de Euclides da Cunha, e de seu fatídico relacionamento amoroso com Dilermando. Para a autora, Anna, com seu comportamento tão diferente do das mulheres de sua época e condição social, viveu a agonia, no sentido dos gregos e dividiu-se, lutando contra duas forças presentes no ato de viver: a cultural e a social.

Palavras-chave: Ana Emilia Ribeiro da Cunha. Euclides da Cunha.

ABSTRACT

Starting from the selected epigraphs to introduce her articles, the author makes a biographical and poetic study of the life of Anna Emília Ribeiro da Cunha, wife of Euclides da Cunha and her fated love relationship with Dilermando. For the author, Anna, with her behavior so different from the women of her time and her social condition lived the agony, in the Greek sense of the word and was divided between the two forces present in her act of living, the cultural and the social.

Key words. Ana Emilia Ribeiro da Cunha. Euclides da Cunha.

É nessa hora, a deslizar, cansado
Preso nas sombras de um presente escuro
E sem sequer um riso em lábio amado –
Que eu choro – triste — os risos do passado,
Que eu adivinho os prantos do futuro.
Euclides da Cunha

É de se crer que as paixões ditaram os primeiros gestos e arrancaram as primeiras vozes... Não se começou raciocinando, mas sim sentindo. Para comover um jovem coração, para responder a um agressor injusto, a natureza dita acentos, gritos, lamentos. Eis aqui as palavras mais antigas e inventadas, e eis aqui por que as primeiras línguas foram melodiosas e apaixonadas antes mesmo de serem simples e melódicas. Eis aqui como o sentido figurado nasce antes do literal, quando a paixão fascina os nossos olhos, e a primeira noção que nos oferece não é a da verdade.

Um certo estranhamento envolve este texto. Nele nenhum julgamento é feito. Não há aplausos. Nem apupos. Este texto desenvolve, em perplexidade, a história de Anna, uma mulher envolta em labirínticas teias. Quer-se, apenas e tão somente, tangenciar o drama de uma mulher dominada pelo desejo que, em silêncio, mas não silenciosamente, vive uma inusitada relação de afeto e conflito, se insurge contra a condição de mulher-objeto, se assume sujeito e protagoniza – para além do contexto cultural de seu tempo – uma abissal história de amor e dor, de doramor e amordor.

Estamos nos anos inaugurantes do século XX que preconiza “a razão como medida do Homem” e, estranhamente, privilegia o pensar masculino, permitindo ao homem, enquanto gênero, romper com os vínculos do patrimônio universal e, dominado pelo fascínio do poder, pulverizar a multiplicidade das diferenças, fragmentar a consistência do real, neutralizar a alteridade do feminino, prescrevendo a essa alteridade, voltar-se sobre si mesma, voltar-se para dentro de si mesma e retroalimentando-se, inscrever-se em solidão.

Duas subjetividades são neste momento delineadas: na primeira, o homem se desrealiza como indivíduo real e assume a realidade do ser ideal. Na segunda, a mulher é desrealizada enquanto pessoa, enquanto indivíduo real e seu mundo passa a ser visto pela ótica do masculino. Seu “eu” tem a representação que lhe é dada pelo homem. A mulher É e não ‘parece ser’, ou seja, estamos em territórios do segredo, do enigma e do mistério: seu segredo a mulher não revela. Enquanto enigma, acredita que um Édipo possa decifrá-la e enquanto mistério ela só é alcançável pelo olhar mítico do poeta. Ou seja, o Homem vê na mulher um Tu e faz deste Tu seu alterego, enquanto extensão de seu ser, extensão de si mesmo e, ao impor-lhe esta condição,

anula-a como *alter* do seu *ego*¹, rompendo assim com a união e a plenitude, elementos que — ausentes — vão obstacular a espontaneidade do diálogo. Mas no princípio era o diálogo. E mais: ao impor-lhe esta condição, o homem a torna seu objeto, impõe-lhe estar a seu serviço e lhe nega ser um Ser corporal vivo, pensante, com direito a escolher as sensações que quer viver, enquanto ser de totalidade.

Esta atitude visceral do homem rompeu com uma ontologia das relações, conceito de Martin Buber, que nos remete ao “entre” base de toda dialogicidade que estabelece — através da palavra, portadora do ser —, a relação homem/homem, homem/Deus. Ou seja, à mulher é negado o direito de auto-construir-se. É-lhe negada a palavra — *pá* instrumento com o qual o homem *lavra* seu ser — princípio e fundamento da existência humana. É-lhe negada a passagem do pensar ao ser, do ser pensado ao ser real e lhe é negada a opção global de sua vida. Sem o direito de exercer o domínio sobre a totalidade indivisa de suas dimensões humanas, a mulher rejeita a condição de propriedade útil e oscila entre a resistência do coração e a força conservadora da cultura: na primeira se alojam os afetos; na segunda, os preconceitos.

Entre afetos e preconceitos seu corpo entra no jogo. Visto como objeto, esse corpo passa a ter o uso que o homem lhe dá e se torna vulnerável ao abuso da animalidade humana. Sem o domínio do corpo que é com o espírito, sem direito à transcendentalidade, que harmoniza o ser, a mulher se submete e sofre pelas possibilidades perdidas. Ou não se submete. E entra em conflito. Recua. Avança. Escandaliza. E paga o preço de seus deslimites que arrebentam as molduras sócio-culturais. Ou seja, uma irrealidade polariza a relação homem-mulher que está associada a ativo e passivo, acentuando diferenças em relação a estilos cognitivos, modos de sentir e formas de viver que são ditadas pela estética do masculino que se estrutura no “eu quero”, “tu deves”.

Este olhar bipolar da ‘antropologia das sensibilidades’ vai instaurar e consagrar o conflito latente que se estabelece dentro da cultura, o profundo conflito que ainda hoje, século XXI, alimenta a dupla tensão: dentro do eu do homem e para além desse eu, onde se ancora, em busca de segurança, esse alter-do-ego. A existência se faz abismo. Conflitos e confrontos entram em cena. Homens e mulheres querem reencontrar a androgenia que um dia viveram. E que um dia perderam. E aqui a contradição é experimentada. Entram em confronto o poder-do-querer e o poder-do-não-querer. O querer-da-força e a força-do-não-querer, ou seja, o homem se encontra com as forças que estão fora dele e impõem limites a seu ser. É dentro dessas forças que homens e mulheres se encontram. Muitas vezes se enredam e se querem. E o “eu” se torna um eu-tu — numa individualidade intersubjetiva — individualidade

¹ Estamos lendo alter ego como “função identitativa”, a expressão é de Feuerbach, ou seja, o alter é extensão do eu; estamos lendo alter-do-ego como um outro diferente do eu, um ser com o outro, sem aparência hierárquica.

que se torna subjetiva. Outras vezes, e muitas, se enredam e se hostilizam e a relação se torna zeugmática e o binômio eu-tu se desfaz. Ou não se faz.

Mas onde se dá o começo? Como se dá o começo?

Houve um olhar primeiro: “Entreí aqui com a imagem da República e parto com a sua imagem”, bilhete que Euclides da Cunha deixa a Anna Emília, em seu primeiro e eventual encontro. Bilhete que prefacia a relação tumultuosa e trágica de Euclides da Cunha e Anna Emília, que um dia foi Solon Ribeiro – que a família lhe interditou. Foi Cunha, – que ela recusou. Foi de Assis – que a vida lhe vetou. E voltou a ser Anna, simplesmente Anna, na solidão da dor.

A enciclopédia da visão nos fala de acepções plurais do olhar que tanto expressam estados cognitivos, como afetivos. Olhar remete a presença, ver algo, estar em presença de algo, ou seja, quem olha, vê, contempla o olhado. Mais que uma atitude contemplativa, o olhar, o ver, apreende o signo em contemplação. Observa. Percebe os perigos que rondam, as ameaças que estão à espreita. Euclides e Anna se distanciam daquele olhar primeiro, não se percebem na busca de horizontes outros que trarão histórias das quais serão ativos protagonistas passivos.

Estamos em janeiro de 1890. Euclides da Cunha e Anna Emília Sólon Ribeiro se casam. A uni-los o olhar romântico do amor. Paradoxalmente, a separá-los o amor em suas diferentes opções. Euclides ama no amor, as causas sociais. Anna ama no amor o amor. E o acontecer do desencontro dá avisos que eles não decodificam.

Enquanto em Euclides o animal homem se marca pela razão e constrói sua vida na busca de leis de organização da sociedade brasileira, na construção de outros níveis de consciência e conduz sua vida na busca de novos rumos para o país, num pioneirismo que surpreende seu tempo, em Anna (S’Aninha, como Euclides a chamava) esse animal-homem se marca pelo mais sentir e essa sensibilidade a submete ao evangelho dos sentidos que ela lê, relê e crê. E o aceita. E o segue. Anna quer o toque, quer a fruição dos sentidos, quer o amor total que é sempre um privilégio e enquanto privilégio é sempre fragilidade. E Anna vai amar num pioneirismo que surpreende seu tempo.

Em Euclides há a razão driblando a paixão. Em Anna, há a paixão driblando a razão. E esta básica diferença de posição diante da vida impõe modelos difusos de ser, de sentir e de pensar. Mas não há um sentir puro. Um pensar puro. Um ser puro. Há um sentir da razão. Há uma razão do sentir. Há a razão e o sentir do ser. E como racionalizar a dialética dos contrários? E como sensibilizar a dialética da razão?

Euclides parte para seus sonhos. Em 1897 cobre a quarta expedição contra Canudos. Euclides amplia as molduras culturais de seu tempo –1890-1900 – e inscreve seu nome nas terras de sua pátria. Anna fica com seus sonhos. E rompe com

as estruturas morais de seu tempo. E seu nome se inscreve nos paralelepípedos da Senador Vergueiro.

Assim se desdobra uma estranha história que abre sulcos nas convenções norteadores das relações sociais e da conduta dos homens.

As coisas começavam a acontecer.

Anna e Euclides, à medida que co-habitam, menos convivem, mais se desconhecem, menos se aproximam. E mais se perdem. E é entre conflitos e mágoas recíprocas que Euclides, em dezembro de 1904, parte para chefiar a Comissão Mista Brasileira-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, na fronteira do Brasil com o Peru, missão que lhe fora confiada pelo Barão do Rio Branco. Aqui o mundo de Euclides e de Anna vão consolidando uma separação. Embrenhando-se por terras ainda virgens, Euclides vai ouvindo a voz do sertão e da selva, vai se apaixonando por sua geo-poética. Em estado de excitação, sente que ciência e arte se articulam e seu olhar de poeta-profeta mergulha na terra mítica e sem limites, em transcendência mítica e mística, ele vê as terras do amanhã envoltas em neblina que é preciso desfazer, antes que o futuro se torne presente. E ele adentra por essas terras. Arranca-lhes o pudor e as mostra ao mundo.

Anna tem como universo concreto a companhia dos três filhos e o Cosme Velho. Dois dos filhos vão para colégio interno em São Paulo. Só com Manuel Afonso, Anna foge da solidão Cosmevelho e se refugia na rua Senador Vergueiro. Ali, as energias vitais que estruturam sua interioridade e alardeiam as possibilidades inimagináveis de seu imaginário de mulher, ouve as vozes do desejo que nascem de suas pulsões de fêmea. Anna des/cobre a geografia de seu corpo e a vê em neblinas, arranca-lhe o pudor, e o oferece à exploração e se deixa adentrar. Anna é terra, Anna é sertão.

Talvez possamos ver neste momento histórico ou revolucionário, início do século XX, a transformação do mundo em decorrência da primeira revolução industrial, quando a solidez do 'mesmo' se abre para a incerteza e para a certeza da incompletude. Um abismo começa a ser construído entre Euclides e Anna que vão modelando seu destino-o pedaço que a cada um é dado viver. E as diferenças vão modelando e remodelando outra vida. E entre eles as distâncias se aprofundam e vão se tornando intransponíveis. Mas Euclides não vê. Euclides está apaixonado pelo Brasil que encontra dentro do Brasil, por sua paisagem indomada. Anna está apaixonada pela paixão que está dentro de seu corpo e a libera. E entre natureza e cultura, Anna silencia a cultura e dá vazão à sua natureza indomada. E como toda paixão é desmedida, o legado do passado não dá a Anna o aval para abortar as sensações de seu gozo.

O 'eu-Euclides' que partira para o Alto Purus, o 'eu-Anna' que partira para a Senador Vergueiro não se encontrarão mais com o 'eu' de antes do Alto Purus e com

“eu” antes da Senador Vergueiro. As experiências geraram neles outros ‘eus’.

E rasgando as cartas que determinam os usos e costumes estabelecidos para as mulheres, Anna, sem o sentido de culpa, se entrega a uma desmedida paixão, paixão que se faz maior que todas as convenções sócio-morais de seu tempo. E Anna terá que fazer opções. E Anna opta pela vida, por dar vida à vida que a impulsiona. Anna opta por resistir e não ceder às convenções. Mas isto ela não consegue e essas convenções que mimetizam sua fruição de mulher a excluem.

Anna vive a agonia², no sentido dos gregos, e luta contra duas grandes forças presentes no ato de viver: a cultural e a social³.

Anna tem carências que despertam nela a essência dos desejos que suscitam e acordam sua vontade. Mas em Anna e Euclides são de matizes diferentes esses desejos. E diante do que se apresenta para ela, Anna acredita poder inverter a ordem natural das coisas para que seja permitido existir o que existe e que para existir tem que driblar as convenções sociais. Anna quer e vive o ‘não-admitido’ como existente, ou seja, em seu desejo e determinação Anna converte o não-poder em onipotência e a fragilidade, até então marca do feminino, em força. E converte a fragilidade em expressão de ação.

Em Anna, o desejo é mais forte que as barreiras da subjetividade que se faz surdo às vozes do super-ego e a ele se impõe. Ignora os pre/conceitos atávicos fazendo com que nada lhe seja impossível. O desejo não está a serviço da razão, mas da fantasia e da carência do homem.

E Anna interfere na história, ainda que não a mude Mas muda na história a fantasia que criadora faz nascer mundos – até então – críveis como não-possíveis.

Em Anna, a dimensão do querer, do amar é sustentada pelo binômio energia - afetividade que se revelam em impulso capaz de mobilizar todo o ser e impeli-lo para além dele mesmo, para um lá onde a completude é encontrada. Nesse lá, a razão apaixonada se alimenta no fogo que o amor – enquanto carne/espírito – exala e, paradoxalmente, é tão mais intenso quanto maior sua carência. Não há aqui incompatibilidade entre ser sensível e passionalidade. Quanto mais carece, mais completo se torna o ser, ou seja, o ser verdadeiro só se realiza na satisfação de suas carências que se ampliam e crescem em proporção ao que se pensa, se quer. Aí onde mais se é.

² Para os gregos, agon, luta. Houaiss assim explica em seu verbete: forma de aflição ou sofrimento agudo, de origem física ou moral. Desejo veemente; ansiedade, ânsia

³ Para Zigmunt Bauman (2009:44), o homem, “culturalmente, pressagia, sinaliza ou acompanha a passagem da rotina perpétua à inovação constante, da reprodução e retenção daquilo ‘que sempre foi’ ou ‘que sempre se teve’ para a criação e/ou apropriação daquilo ‘que nunca foi’ ou ‘nunca se teve’; de ‘empurrar’ para ‘puxar’, da necessidade para o desejo, da causa para o propósito. Socialmente, coincide com a passagem da regra da tradição para a ‘fusão dos sólidos’ e a ‘profanação do sagrado’”. (Grifos do autor.)

Para chegar a Anna é preciso vê-la pelos não-moldes da cultura, é preciso ver na inter-subjetividade uma característica da razão antropofágica que tem seu campo de interação comunicativa, ou seja, na relação Eu/Tu onde está o princípio da ação que regula a aparência de todos os seres.

Sem espaços abertos para a recepção do Tu, para o acolhimento do outro, em sua alteridade irreduzível, enquanto sujeito dotado de uma dignidade, qualquer relação está inviabilizada, ou seja, só quando se abre espaços no Eu para o Tu, ou seja, quando se aceita passível de incompletude, e se permite a representação de uma atividade existente fora do eu, a relação é viabilizada. Ou seja, sem a aceitação que dentro do eu existe um não-eu, a relação não acontece.

Se rebobinarmos a relação de Euclides com seu compromisso histórico-científico, entenderemos que no lugar do Tu/Anna, Euclides, como exigência de seu pensamento racional, colocou a urgência de investigar, denunciar e investir nos problemas brasileiros. Ingênuo nas questões do amor, Euclides não soube ler os signos em Anna, signos que denotavam carência afetiva. Sua inquieta curiosidade de estudioso orgânico está voltada para a paisagem viva que se agita, se movimenta, construindo o 'fácies' geográfico do interior brasileiro, onde estão, em enigma, a terra, o ambiente e o meio e, em segredo, o homem a luta e o crime.

Ingênuo nas questões que envolvem a sensibilidade feminina, Euclides não consegue ler sua relação com seu Tu/Anna que compõe sua estrutura constitutiva e vai viver um ânimo torturado, uma projeção de interesses inestruturáveis porque vive o Eu sem o Tu, ou seja, o Eu, em sua incompletude.

Paralelamente, Anna vive uma vida tumultuada e conflitante e ela oscila entre a submissão ao social e sua auto-privação. Optando pela aceitação do social, Anna se prescreve solidão e nega a si mesma a globalidade da vida que traz em seus planos sócio-culturais o orgânico e o psíquico, o corporal e o anímico, o intelectual e o afetivo, ou seja, minimiza seus valores vitais. Ou seja, a aceitação do social implica em renúncia a seus valores. Ou seja, implica em trair-se.

Anna recusa as glórias de Euclides, não quer viver dessas glórias. O nome, os aplausos são de Euclides. E Anna opta pelo anonimato de Dilermando, jovem cadete de 17 anos. E com esta opção, ela substitui o dever da renúncia pelo direito ao prazer, ao afeto explícito. É explicável: em Anna, as extremidades nervosas gritam, vivem o desassossego da ansiedade. Suas pulsões vitais carregam carências que precisam ser satisfeitas. Carências que despertam a 'mania', este sentimento que anestesia a vontade, esse amor-furor que irracionaliza o homem e o leva à desmedida. Em estado de mania, ou seja, tomado pela 'mania', essa 'fúria', essa energia incontida que aciona o prazer e torna insensível o Eu na relação com o outro e embota todos os valores que não sejam os que atendem às carências do bios e do logos, o ser humano

não responde por seus atos.

Justificando a traição feita a Menelau e que vai se tornar, miticamente, o pretexto para a guerra de Tróia, Helena vai nos falar que fora tomada pela ‘mania’, essa fúria dos sentidos, essa energia incontida que aciona o prazer, o delírio. Em estado de mania, ou seja, tomado por essa força, o homem é envolvido por uma energia misteriosa e ambivalente, e desenvolve um comportamento obsessivo. Além do bem e do mal, em ‘mania’ o homem é investido de uma potência como se moral fosse. Vivendo compulsoriamente a desmedida, o ser, em estado de mania, é, socialmente, marginalizado. Em Anna vive uma Helena dos tempos modernos.

Anna quer o amor em embalagens de carinho, com laços coloridos de fita que externalizem esses carinhos. Anna vive certezas acrílicas. Vive a experiência dos limites e a impotência da razão. E sofre perdas. Envolve-a uma realidade que ela recusa, mas na qual está enredada. Para Ortega y Gasset, (2001, p.195) segundo o ponto de vista grego, “... real es lo esencial, lo profundo y latente; no la apariencia, sino las fuentes vivas de toda la apariencia”. E esse sentir desmedido é vivido também por Dilermando. E ambos se entretecem, se intratecem, se emaranham, se enleiam.

Dilermando e Euclides competem, por amor, pelo amor de uma mulher que, declaradamente, fizera sua opção. Mas Euclides que conquistara toda uma nação, não entende, não aceita não ter conquistado o amor. E resolutamente parte para a ‘indesejada das gentes’ e decidido – a matar ou a morrer! – ele, que surpreende o outro, é morto. E neutralizada a imunidade privilegiada do notável brasileiro, o escritor Euclides da Cunha, o homem que se embrenhou pelos escaninhos da terra do Brasil, rasgou suas entranhas e revelou sua intimidade, o julgamento aconteceu. E Dilermando que é absolvido pelos critérios e valores da ética da jurisprudência, é condenado pelos critérios, valores e ética do social. E juntos, ele e Anna vão viver a exclusão desse social que é alimentado pelas convenções culturais, num tempo em que a mulher sequer tinha direito ao voto. Do crime se encarregara a lei, que filha do saber, luz difusa, ilumina e torna visíveis (?) os incidentes pretéritos, onde está a gênese de nossas ações. Do crime, dentro de cada homem, fala a consciência moral – que é luz também – e tem acrescentada a seus componentes físicos o poder da queima. Ou seja, enquanto consciência moral é estabelecida uma ressonância afetiva, um sentimento de comunhão, instância mediadora, há um agir/sentir/compreender que intervém e socorre. E Anna compreende. E Anna perdoa.

Dando seqüência aos comentários que envolvem o crime que estremeceu todo o Brasil, Monteiro Lobato no artigo “Uma tragédia de Ésquilo” assim se manifesta:

A mim a tragédia Euclides-Dilermando me abalou profundamente. Sobre ela meditei muito tempo, dominado pela incerteza. Mas quando conheci todos os detalhes do processo, só então vi, senti em tudo a mão glacial e inexorável

da Fatalidade – a mesma que levou aos seus crimes o inocente Orestes.

Não há como explicar esse acontecimento que atropelou a racionalidade se não olhá-lo pela lente da tragédia. O Euclides da Cunha de **Os sertões** não é o mesmo da tragédia de Piedade. Entre os dois se interpôs um ‘deus ex machina’ que invisível detonou as armas.

‘**O Tempo**’, jornal de Manaus assim comenta:

Toda essa deplorável tragédia não passaria de um fato banal da mulher que engana o marido se o autor de **Os Sertões** não fosse um instrumento passivo de uma campanha difamatória contra o exército provocando lutas de classe, explorada pela soberba velhacaria dos magnatas da política (ANDRADE, 1988, p.88).

O que nos fica implicitamente explícito é o envolvimento de questões outras que não foram levantadas. Há uma elipse da linguagem, há um silenciamento.

A tragédia de 1909 ainda não terminara.

Em Euclides a morte não dera terminalidade a sua vida: primeiro porque sua obra transtemporal impediu e impede seu ponto final; segundo porque a brutalidade das circunstâncias⁴ em que se dera, fizera com que, embora não existindo física e corporalmente, Euclides sobrevivesse nos existenciais que deixara, vazios jamais preenchíveis e onde conflitos, inquietações e mutilações se ocultavam, fazendo com que a vida ultrapassasse o orgânico e o material.

Euclides permaneceu no pathos do viver. Como ser fantasmático ele sobreviveu à finitude sensível, enquanto limite individual. A morte, esta experiência do nunca experienciável, muitas vezes e quase sempre é uma usurpação racionalizante do desejo de vida, é uma criação teológica, um prolongamento indefinido da realidade da vida em outro espaço-tempo.

E no percurso do tempo os filhos cresceram. A morte do pai é uma ferida incicatrizável. E há a perversa cobrança do social que quer a resposta, a vindita. Desejos díspares se confrontam: desejo de morte / desejo de vida. Entre os desejos há uma morte planejada. Euclides, o Quidinho, tem a intermediar sua relação com o mundo a não cicatrizada dor da morte de Euclides/pai e a presença do ‘outro’ que delimita o campo de sua consciência, do seu ser.

Quidinho é auto e hetero responsabilizado para o ato da vingança. E estes agentes–intraindividual e extraindividual–o pressionam. Quidinho, compulsoriamente, introjetou a ação da vingança. A presença de Dilermando se interpõe em sua relação

⁴ Para Ortega y Gasset (2001, p.65): “La circunstancia es todo lo que nos rodea, lo que está circum me, en torno a mí, a mi alrededor.”

com a realidade exterior e impõe limites à condição de sua existência pessoal e social, porque a consciência que o homem tem de si se dá através do outro, ou seja, a consciência do mim se dá frente à consciência visível e palpável do outro. E a sociedade cobra pedágio ao existir.

E com armas idênticas e idêntica determinação – matar ou morrer – como se fosse possível xerocopiar a vida, um dia, num cartório, num encontro agendado com Tanatos, Quidinho parte para a reparação do sentimento de vergonha, de humilhação pela ofensa sofrida. Parte para o desagravo. A vez e a hora são dele. Euclides Filho tem, no estampido dos tiros que desfechara, a voz de sua revolta, voz que o Brasil inteiro escutou. Estampido-voz que o silenciou para sempre.

Agora, entretanto, Dilermando não é mais o aspirante de exército de agosto de 1909, é o 2º Tenente, que fora designado a servir no Q.G. da 1ª Brigada de Cavalaria, em São Luís das Missões, no Rio Grande do Sul. E Dilermando, acuado, revida. E mais uma vida ele vê tombada. E enquanto de sua vida a ciência perplexa cuidará,

... O acusado tinha lesados os dois pulmões, o diafragma e o fígado; seu aparelho respiratório, de cuja função depende essencialmente a vida, estava prejudicado; não o estavam menos os órgãos circulatórios, também primordiais na manutenção da harmonia vital. (ANDRADE, 1988, p.134)

por seus atos, e as circunstâncias que o ditaram, as leis responderão:

A defesa privada deriva psicologicamente do instinto de conservação, instinto primitivo, básico da existência, que, sendo o primeiro a aparecer, é o último a abandonar a criatura humana. Por isso Cícero viu na legítima defesa uma prescrição da lei natural, não escrita (non scripta, sed nata lex). Tão imprescindível é essa lei suprema que diante dela, cedem os sentimentos mais afetivos, as injunções do respeito filial, as contemplações para com o infortúnio e para com a inconsciência. (ANDRADE, 1988, p.130)

Lendo este processo híbrido, onde várias linguagens se correlacionam, em que amor e ódio se imbricam e se confrontam e mais uma morte foi consumada, vê-se que o equilíbrio perdeu sua força e toda coerência se fragilizou. Novo vértice foi delineado e nele, novamente, a força inovadora do coração se sobrepõe à resistência conservadora da cabeça, topos onde os preconceitos têm seu habitat.

Dilermando volta aos tribunais que o absolvem. Mas não estancam a comoção social. Não conciliam a racionalidade do pensar que se desdobra segundo as relações culturais do contexto e o sentir, que está voltado para a globalidade dos sentidos. Consolidada está mais uma tragédia anunciada. Ontem o marido. Hoje, o filho. Estamos em 1916.

Em desespero, Anna escreve a Dilermando:

Miserável

Evita te encontrares comigo aqui dentro desta casa maldita até que eu tenha meios para abandoná-la. Eu juro por meus pais e filhos que hoje sinto por ti o mais terrível ódio. Realengo Fazenda dos Macacos.

Anna

(ANDRADE, 1988, p.103)

Mas Anna supera as coordenadas do aqui, agora. Ela sabe que as circunstâncias armaram o braço de seu filho e a sua morte aconteceu no revide da agressão. O pai de Luís, João Cândido, Laura, Judith e Frederico, seus filhos, teve na morte sua forma única de defesa. Também para este crime Anna encontra, na face afetuosa da razão, motivo para compreender. Compreender e perdoar. Anna vive a poética do limite que é sempre violenta e tem no tempo histórico e existencial suas fronteiras: se o primeiro é marcado pela efemeridade, reflexo da experiência do homem, o segundo, penetrando no homem se inscreve em sua interioridade psíquico-existencial, daí que não é a história que é obscura, mas obscuros são os homens que escrevem essa(s) história(s).

... Mas havia uma rua no Encantado! Havia!

Se um dia, na vida de Anna e Dilermando, a fusão dos contrários superava consciente e prazerosamente as dicotomias da razão; se um dia Anna e Dilermando viveram o princípio de unidirecionalidade dos querer; um dia, outro dia e outro e outro ventos adversos sopraram signos, a princípio incertos, duvidosos que as atitudes de Dilermando levaram Anna a decodificar. E Dilermando passa “sem avisar, de um regime a outro, da doçura íntima, cúmplice, ao frio, ao silêncio, ao afastamento”. (Barthes, 1991, p.119). Dilermando escrevia os capítulos iniciais do princípio do fim. Seu eu inseparável das circunstâncias está agora envolvido, enlaçado a um outro Tu que abre as portas para um outro mundo.

Anna constata e vive esta transformação pelo conhecimento sensível. Mas ela quer e precisa do conhecimento pelo racional, conhecimento que é passado pela estética do viver:

Quien quiera enseñarnos una verdad que o nos la diga: simplemente que alluda a ella con un breve gesto, gesto que inicie en al aire una ideal trayectoria, deslizádonos por la cual lleguemos nosotros mismos hasta los pies de la nueva verdad.

(Ortega; Gasset, 2001, p.109)

E como o órgão com o qual compreendemos o mundo é o olho, Anna quer ver.

E viu. E um silêncio inquietante, porque trazia uma significação demasiado concreta desce sobre a vida de Anna que vive a metáfora do bosque: a missão das árvores é fazer latente o resto delas, e só quando nos damos conta de que a paisagem visível está ocultando paisagens não visíveis, estamos realmente dentro do bosque.

E esta nova realidade desestabiliza Anna emocionalmente: primeiro em forma de dor que a aprisiona; num segundo momento, sua vontade começa a ser despertada e Anna passa de passivo a ativo. E entre Anna e Dilermando as ternuras são silenciadas. Os silêncios são carregados de interditos. “O eu-te-amor (de um dia) está do lado gasto... lá onde a própria linguagem (e quem no seu lugar o faria?) reconhece que não tem proteção, trabalha sem rede (BARTHES, 1991, p.103)

E Anna que fora capaz de perdoar duas mortes, não tem forças para perdoar a traição. Com seus filhos refugia-se na Ilha de Paquetá.

E no leito de morte Anna recebe Dilermando que lhe pede perdão. A resposta de Anna foi interceptada pelo silêncio. Que terá dentro de Anna sido silenciado?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Jefferson. **Anna de Assis. História de um trágico amor.** Rio de Janeiro: AM Produções Literárias, 1988.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- BAUMAN, Zigmund. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo.** A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2001.
- BUBER, Martin. **Eu e tu.** São Paulo: Centauro Editora, 1974.
- GARCIA, Lúcia. **De olho em Euclides da Cunha:** escritor por acidente e repórter do sertão. São Paulo: Claro enigma , 2009.
- GUALDA, Carlos. **Euclides da Cunha.** Rio de Janeiro: Arquivo Público, 1998.
- LOBATO, Monteiro. Uma tragédia de Ésquilo. In: ASSIS, Dilermando. Um nome, uma vida, uma obra. [s.e.: s.n.], 1946.
- ORTEGA; GASSET. **Meditaciones del Quijote.** Madrid: Catedra, 2001.
- PERES, Glória. **Desejo.** Minissérie Direção de Wolf Maia e Denise Sarraceni. Rio de Janeiro: Som Livre, 2007.
- TOSTES, Joel Bicalho. **Águas de amargura:** o drama de Euclides da Cunha e Anna. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1990.
- SERRA, Adriano Veríssimo. **A humanidade da razão.** Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.